

MEU LEGADO ESPIRITUAL

JAMES HOUSTON
MEU LEGADO
ESPIRITUAL

Traduzido por **Robinson Malkomes**



Editora Mundo Cristão
São Paulo

Copyright © 2006 por James M. Houston
Publicado originalmente por InterVarsity Press, Illinois, EUA.

Editora responsável: Sílvia Justino
Supervisão editorial: Ester Tarrone
Assistente editorial: Miriam de Assis
Revisão: Josemar de Souza Pinto
Coordenação de produção: Lilian Melo
Colaboração: Pâmela Moura
Capa: Douglas Lucas
Imagem: Jeff Metzger

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da versão *Revista e Atualizada* (RA), Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação específica.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/2/1998.
É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Houston, James M.
Meu legado espiritual: Uma jornada de fé na pós-modernidade / James M. Houston; traduzido por Robinson Malkomes. — São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

Título original: Joyful Exiles.
Bibliografia.
ISBN 978-85-7325-530-0

1. Espiritualidade 2. Fé 3. Vida cristã
I. Título.

08-05296

CDD-248.4

Índice para catálogo sistemático:

1. Vida cristã: Cristianismo 248.4
Categoria: Espiritualidade

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:
Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 79, São Paulo, SP, Brasil — CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
Home page: www.mundocristao.com.br

1ª edição: novembro de 2008

DEDICATÓRIA

Para Chris e Jean,
alegres companheiros de exílio
por meio da oração.

SUMÁRIO

<i>Prefácio à edição brasileira</i>	9
<i>Prefácio</i>	13
Prólogo: Por que dialética?	17

PRIMEIRA PARTE:

Fé cristã: um modo de vida e uma nova identidade

1. O fôlego da vida oculta	35
2. Abertos a um viver visionário diante de Deus	61

SEGUNDA PARTE:

A prioridade do chamado pessoal sobre a vida institucional

3. O surrealismo da face visível da vida cristã	99
4. Tornar-se uma pessoa: uma jornada	127

TERCEIRA PARTE:

Amadurecendo na comunidade, transmitindo a fé em pessoa

5. Vivendo a verdade em amor	155
6. A transmissão da fé numa era de ruptura	183

Epílogo: A maturidade comunitária em Cristo	213
Apêndice: Por que a retórica da dialética?	229
<i>Índice remissivo</i>	235
<i>Bibliografia</i>	245

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

O dr. Houston, Jim, como ele sempre insistiu que o chamasse, foi uma das pessoas que mais influenciou minha vida. Desde 1991, quando o conheci pessoalmente, temos cultivado uma amizade bonita e profunda. Uma razão para isto é seu caráter amoroso e atencioso e a forma como ele sempre reconheceu e valorizou o relacionamento pessoal. A base de sua teologia e de sua espiritualidade tem sido a natureza trinitária de Deus, que se revela como um Deus em eterna comunhão e amizade.

Como professor sempre procurou relacionar-se com seus alunos, conhecê-los e participar da vida e da formação pessoal de cada um. Lembro-me de uma conversa que tivemos assim que cheguei ao Regent College, em 1991. Falei dos meus projetos pastorais, dos interesses teológicos e aproveitei para fazer algumas críticas em relação à visão norte-americana da teologia e da missão. Ele me ouviu atentamente e, quando terminei, disse-me: “você sempre viveu por projetos, fez dos seus projetos pastorais e teológicos sua razão de ser, mas esqueceu que você é o projeto de Deus”. E acrescentou: “se você veio aqui para conquistar mais um título e realizar mais um dos seus projetos, não será problema, mas certamente uma perda de tempo; no entanto, se veio para ser transformado por Deus, que é o verdadeiro sentido da teologia, então poderemos caminhar juntos”.

Naquele dia, ao voltar para casa e refletir sobre as palavras do dr. Houston, decidi que teria de abrir mão de meus projetos para considerar minha vida e o que a teologia representava para mim, não em termos acadêmicos e profissionais, mas para minha vida e devoção.

Nos anos em que morei em Vancouver e estudei no Regent College, ele mantinha um grupo de oração com estudantes. Todas as sextas, às 10 da manhã, nos reuníamos numa pequena capela da escola e cada um compartilhava necessidades e dramas pessoais. Depois desses momentos de compartilhamento, o dr. Houston sempre intervinha com conselhos e orientações que nos ajudavam a colocar na perspectiva correta nossas crises e dificuldades. Só depois orávamos. Geralmente suas intervenções mudavam radicalmente a pauta da oração.

Num retiro com um pequeno grupo de pastores, aqui perto de Brasília, um jovem pastor o chamou para uma conversa pessoal e me pediu que os acompanhasse. Depois de alguns minutos em que o pastor expôs as lutas e as crises por que passava, o dr. Houston, com poucas palavras, mas com muita sabedoria e discernimento, descortinou tudo o que aquele jovem pastor gostaria de ter dito, mas não disse. Enquanto caminhávamos para o almoço, aquele pastor lhe perguntou: “como é que o senhor, que nunca me viu antes e com tão pouco que lhe falei, conseguiu penetrar tão profundamente em minha alma?”. Sua resposta foi simples e surpreendente: “eu não conheço você e não sei nada a seu respeito, apenas conheço as minhas dores e as minhas feridas; são elas que me ajudam a compreender as suas”.

Assim é o dr. Houston. Um sábio e um mestre como poucos. Suas aulas são profundas tanto por seu conhecimento como por sua sabedoria. Não foram poucas as ocasiões em que, findas

suas aulas, sentíamos um profundo desejo por Deus. Algumas vezes, muitos alunos permaneciam na sala, imóveis, em silêncio e oração.

Em sua penúltima visita a Brasília, numa de suas palestras, o dr. Houston apresentou o que ele mesmo chamou de “princípios pelos quais vale a pena viver e morrer”. Compartilhou conosco os princípios que fundamentaram sua vida e seu ministério. Entre eles está sua relação pessoal com os alunos. Declarou que jamais considerou a formatura o encerramento de sua participação na vida de seus alunos, mas sempre procurou acompanhá-los como mentor e amigo.

Parte do conteúdo deste livro que você tem agora em mãos foi apresentada no seminário realizado em sua última visita ao Brasil. Logo depois ele me enviou um exemplar. Quando o li pela primeira vez fui tomado de muita emoção. A leitura, somada às lembranças de suas palestras, me levaram mais uma vez a reconhecer a riqueza de seu legado espiritual. E você, ao ler este livro, como eu, perceberá a beleza de uma fé madura integrada à vida, de uma teologia que molda o caráter e de uma espiritualidade profundamente pessoal, comunitária e afetiva.

Sou imensamente grato a Deus por esse legado espiritual. Principalmente porque vivemos num tempo carente de espiritualidade na teologia ou de teologia na espiritualidade. Num tempo de relações mais impessoais e profissionais, em que professores e alunos, pastores e ovelhas carecem de maior intimidade. Um tempo em que se acentua o abismo entre a teologia e a espiritualidade, em que se intensifica a impessoalidade fruto do profissionalismo de professores e pastores.

É para nós que vivemos nesse tempo, sujeitos a essas tentações modernas, que este legado tem grande valor. O dr. Houston não

é o tipo de professor que se esconde atrás de seus títulos, que usa o conhecimento para estabelecer e preservar distanciamento dos alunos, que impõe limites e fronteiras a seus afetos, que separa a teologia da oração e o conhecimento dos relacionamentos.

Ao ler este livro você entenderá melhor o que estou afirmando. Encontrará nele um testemunho de alguém que buscou integrar a fé à vida, que mergulhou na teologia e na filosofia não para acumular conhecimento e desempenhar um papel na academia, mas para conhecer a Deus e a si mesmo. Neste legado você verá que a sabedoria é a capacidade de integrar o conhecimento à vida. Minha sincera oração é que este livro inspire muitos de nós a viver com coerência e paixão e a deixar nosso legado para as próximas gerações.

Ricardo Barbosa de Sousa

Igreja Presbiteriana do Planalto, Brasília, DF

PREFÁCIO

OS INTENSOS VENTOS inclusivistas do secularismo ocidental sopram com ímpeto sobre nós, fazendo o cristianismo se desviar da fé bíblica como nunca antes. Esse desvio constitui um dos maiores desafios à igreja cristã e ocorre não apenas do lado de fora, mas também dentro de nós. Portanto, não é de admirar que os cristãos de hoje estejam terrivelmente confusos, tanto indivíduos quanto instituições. Há pessoas que enxergam isso com clareza. Outras negam a realidade e pioram a situação, caminhando precipitadamente na direção errada, mesmo que as intenções sejam boas. No meio dessa balbúrdia, os que têm voz profética são vistos como arrogantes, ao passo que as vozes pragmáticas são consideradas realistas. O propósito dos ensaios a seguir não é apenas fazer alarde, mas, num nível mais modesto, dar testemunho do que tenho tentado viver nas últimas oito décadas, durante as quais procurei seguir Jesus Cristo. Se esse relato de natureza pessoal expressar e confirmar quaisquer inquietações que você também sinta, ele já terá valido a pena.

Escrevi os ensaios sob a forma de diálogos, de modo que o leitor não demore a se envolver com as idéias que apresento. Ele descobrirá no apêndice meios de explorar melhor o papel da dialética na comunicação pessoal da fé. A renda dos direitos autorais de todos

os meus livros, incluindo este, é doada ao Institute of Religion and Culture, criado com o intuito de conferir bolsas de estudo para jovens cristãos que vivem em situações especiais que ilustram os princípios descritos neste livro. Se você quiser entrar em contato comigo, visite, por favor, o website que criei para esse fim: *www.religionandculture.org*.

Nossa vida não tem aspectos apenas pessoais, mas também públicos. O aspecto público da vida cristã deveria alimentar nosso crescimento em Cristo, mas, em vez disso, parece mais criar confusão. “Eu vou à igreja, mas...” “Eu creio no ministério cristão, mas...” Por que qualificamos nossas expressões de fé? Por que, afinal, questionamos as estruturas institucionais de toda a nossa sociedade? Este livro destina-se aos “exilados”, pessoas que precisam de coragem moral para sair de uma atmosfera familiar e convencional e entrar em lugares de exposição perigosa, a fim de criticar profeticamente nossas normas culturais e posturas institucionais.

A fidelidade às convicções bíblicas sempre nos convida a viver “perigosamente no fio da navalha” de nossa cultura. Não é um chamado ao individualismo e à independência de espírito. É um convite a experimentar mais a fundo o que significa ser uma fiel testemunha de Cristo. É um processo que exige que tenhamos coragem moral e desprendimento para confrontar os desafios culturais, oferecendo resistência às pressões insidiosas que podem nos levar a depender de técnicas, e não do amor e do Espírito de Deus. É um processo que exige que alimentemos as amizades espirituais e permitamos que a comunidade cresça espiritualmente em vez de se organizar de modo artificial. É um processo que exige que estejamos mais à disposição das pessoas para repartir com elas a alegria da salvação de Deus.

Cerca de vinte anos atrás, perguntei a Malcolm Muggeridge, já perto do fim da vida, se havia alguma coisa que ele gostaria de ter feito diferente em sua carreira de escritor. Ele respondeu que gostaria de ter escrito “contra o consenso” — como se não tivesse sido o grande crítico da sociedade como editor da *Punch*, revista de humor e sátiras.

“Refiro-me”, continuou ele, “ao consenso religioso convencional”. Ele se converteu a Cristo no fim da vida e não pôde levar a cabo essa tarefa. “Mas você pode fazer isso”, acrescentou ele. E eu, incrédulo, ri diante daquela missão inconcebível.

É possível que naquele dia Malcolm tenha lançado uma semente de mostarda que acabou se transformando numa plantinha. Este livro são as confissões de uma pessoa que tem vivido de maneira inconseqüente; suas páginas têm como objetivo apoiar e incentivar outros alegres exilados que podem se sentir como eu em resposta a Muggeridge: movidos a abraçar uma missão impossível. Minha esperança é que esses alegres exilados, mesmo que ocultos dentro de pequenos grupos em diversas situações, continuem a crescer, fortalecendo a rede mundial de amizades.

É a pessoas como essas que estendo minha gratidão ao escrever este livro. Por maior que seja o risco de fazer discriminação quando se trata de mencionar nomes, desejo expressar minha gratidão especial pelo apoio editorial de Bob Fryling, *publisher* da InterVarsity Press, a Gary Deddo, editor de grande competência que trabalhou com meu manuscrito, e à sua equipe toda. Pat Calvo, Darrell Johnson, Dean Overman, Bill Reimer, Skip Ryan, Paul Helm e, mais recentemente, Sally Voorhies foram de imensa ajuda pelas leituras críticas que fizeram de meu manuscrito.

Agradeço à minha família e aos amigos leais que continuam a me encher de ânimo. Kelly Barbey, Craig Gay, Chris Houston,

Keith Martin e Ken Stevenson fazem parte da diretoria do Institute of Religion and Culture, criado para divulgar as análises aqui apresentadas. Mas os erros de interpretação e fato que porventura se encontrem neste livro são de inteira responsabilidade do autor.

PRÓLOGO

Por que dialética?

Nosso interesse está no perigoso fio da navalha das coisas.

Robert Browning, *Bishop Blougram's Apology*

*Porém Moisés lhe disse: [...] Tomara todo o povo do SENHOR
fosse profeta, que o SENHOR lhes desse o seu Espírito!*

NÚMEROS 11:29

JÁ FAZ ALGUM TEMPO, meu filho pediu-me que escrevesse sobre as convicções nas quais tenho baseado a vivência da minha fé cristã. Este livro é a resposta ao pedido dele. Esboço aqui o diálogo interior que tenho experimentado durante muitos anos, expressando-o em seis ensaios organizados dialeticamente em três partes: “A resposta à fé cristã” (oculta, mas também visível), “O desafio de nossa cultura” (surreal de uma perspectiva pública, precisa se tornar real de uma perspectiva pessoal) e “A preservação da fé cristã” (tanto na expressão comunitária quanto na comunicação pessoal). Por sua vez, cada ensaio tem sua própria dialética. Por exemplo, a fé está oculta, mas não é secreta; é pessoal, mas não individualista, e assim por diante.

POR QUE EM FORMA DE DIÁLOGO?

Nossa sociedade pós-moderna reage contrariamente ao monólogo, associando-o de forma negativa com ideologias. O desfile de “ismos” fez que todas as perspectivas e posturas da condição humana fossem niveladas segundo um absoluto social descrito de variadas formas no século passado como socialismo, marxismo e fascismo, mas hoje expressado como fundamentalismo, liberalismo e até secularismo. A ascensão do indivíduo, ao lado da passagem de uma cultura de elite para uma cultura de massa, de fato uma cultura “pop”, incentiva todo mundo a ter vez e voz, de modo que podemos argumentar e responder a todos os demais.

Até o autor de um livro não é mais um comunicador único. O que a pessoa, como leitora, extrai de um livro pode não ser o que o autor pretendia transmitir, pois a leitura que ela faz passa pelo filtro de suas experiências e relacionamentos. Isso sempre foi assim, mas hoje o individualismo do leitor é bem mais sofisticado que antes. Todos nós criamos defesas contra a realidade, bloqueando o que não queremos que tenha acesso a nós e selecionando o que queremos ouvir, ler ou conhecer.

Portanto, o diálogo é a forma pela qual podemos expressar nossas percepções e valores. Fazemos isso com outras pessoas e em diálogo com nós mesmos. O fato é que, como seres sociais, não podemos ser pessoais sem conviver com o diálogo. Assim é a vida de casado, com toda certeza. Minha esposa Rita está sempre se recusando a aceitar as coisas pelo valor que aparentam ter, principalmente meus palpites! Diálogo é isto: envolver-se numa conversa para fomentar e aprofundar a dimensão pessoal da convivência, mesmo quando há diferenças de opinião.

A dialética nos dá condições de enxergar a verdade sob múltiplas faces. À semelhança de Jó, precisamos muitas vezes recusar

as tolas descobertas de sábios seculares que pensam estar falando dos caminhos de Deus. A pregação no púlpito de nossas igrejas em geral continua cheia de clichês e generalizações, e as mudanças radicais que ocorrem em nossa cultura tornam mais difícil ainda para pastores e mestres uma comunicação unilateral feita com autoridade. É por isso que acho fundamental usar a dialética como forma de troca entre minhas experiências e as dos outros, testando assim sua validade. (Veja no apêndice mais informações sobre dialética.)

A DIALÉTICA INVERSA DA VIDA CRISTÃ

Assim, cada vez mais a fé cristã precisa ser contracultural. É possível que tenhamos de perder empregos, alguns amigos, até nossa liberdade, se quisermos nos manter fiéis às convicções cristãs injetadas em nós pelo Espírito de Deus. Por meio da dialética cristã inversa, somos constantemente lembrados de nossa condição de estrangeiros e peregrinos neste mundo, pessoas que esperam outro mundo por vir. É numa relação de antítese com o mundo que nos encontramos em sintonia com o céu. É por isso que somos alegres exilados; temos outro lar que é melhor, um destino mais glorioso.

O que a maioria das pessoas precisa não é mais conhecimento da fé, mas determinação espiritual para pôr em prática o que já conhece, não importando quais sejam as conseqüências. A verdade é uma questão de vida ou morte — por ela morremos, por ela vivemos. Pode alguma coisa expressar a verdade se essa coisa não for vivenciada? Será que a verdade flutua por aí como um conceito abstrato? Segundo Søren Kierkegaard, muita coisa que se divulga como cristianismo não passa de “poesia” — é o real que virou imaginário. O verdadeiro cristianismo é transformar o

possível em real. É este o papel do profeta: desafiar-nos a obedecer à palavra do Senhor. É por isso que a vida cristã é uma vida subjuntiva. Nossos sentimentos e desejos precisam ser trocados e, na verdade, redimidos, para que possamos entrar na realidade indicativa ou profética da vida cristã. Faz tempo que as palavras de Moisés estão dentro do meu campo de visão: “*Tomara todo o povo do SENHOR fosse profeta!*” (Nm 11:29).

Portanto, uma dialética inversa não nos envolve simplesmente numa discussão uns com os outros. É Deus discutindo conosco, como Jó finalmente foi forçado a reconhecer. Não é simplesmente compreender a fé, mas vivenciá-la dentro das vicissitudes do dia-a-dia de nossas relações pessoais. Especulação e existência, compreensão e ação, poesia e profecia, o temporal e o eterno — todas essas tensões desconfortáveis expressam o que significa “tornar-se cristão” num processo contínuo. Não basta expressar princípios e convicções pessoais. Podemos nos pôr numa gaiola de ferro gnóstica ou cartesiana meramente pensando na fé e fazendo alegações cognitivas em favor de nossos princípios.

Como bem observou Jonathan Edwards, as verdadeiras afeições por Deus são afeições da graça, pois são divinamente implantadas em nosso coração pelo Espírito Santo. Durante os avivamentos religiosos dos quais Edwards participou, havia muitos arroubos emocionais atribuídos a Deus, mas eram apenas formas de liberação psicológica. De modo semelhante, podemos nos referir às nossas convicções e princípios cristãos como graciosamente dados a nós na Palavra de Deus por seu Espírito Santo. Não os criamos, nem está em nossa natureza desejar recebê-los. De fato, em franco contraste com o platonismo, não podemos pressupor que a verdade nos seja inata, pronta para ser manifestada pelas palavras. Em vez disso, podemos expressar a

verdade somente quando ela nos é concedida de forma pessoal pelo Espírito de Deus.

Tais convicções e princípios não nos são oferecidos simplesmente porque nos chamamos cristãos. Eles se desenvolvem, à medida que Deus nos chama pelo nome. O preço desse processo é a experiência da solidão, pois diante de Deus estamos basicamente sozinhos. Nosso relacionamento com Deus não nos une antes de tudo aos nossos semelhantes; ele nos separa. Portanto, como cristãos, nunca somos tanto nosso verdadeiro eu quanto quando estamos “em” Cristo Jesus. Nesse estado, nossa singularidade pessoal é apreendida na realidade do amor de Deus por nós, e somente então a vida cristã torna-se comunitária. Quanto maior nossa segurança em Cristo, mais decididos estaremos a fazer o que a verdade nos chama a fazer. Nossa singularidade e nosso crescimento em santidade andam juntos. Todavia, quanto menos percepção tivermos de nossa identidade singular em Cristo, mais indecisos, transigentes e vazios seremos, e mais aceitaremos o consenso popular. Ficaremos satisfeitos na multidão, fazendo o que os outros fazem e nos comportando dentro das normas da moralidade convencional.

A DÁDIVA DE SERMOS ALEGRES EXILADOS

Os cristãos cada vez mais se vêem marginalizados pela difusão do humanismo secular. Mas o tema do êxodo sempre foi a realidade do povo de Deus. “Na verdade, não temos aqui cidade permanente, mas buscamos a que há de vir” (Hb 13:14). A solidão é o produto inevitável de nossa singularidade, mas ela abre espaço para a presença de Deus em nossa vida. O cristão tem uma experiência singular de alegria, pois, como nos lembra o salmista, “na tua presença há plenitude de alegria” (Sl 16:11). Esse é um benefício

que a multidão nunca poderá nos oferecer, a dádiva da alegria pela salvação pessoal. Às vezes, será uma alegria que nos alcança através do sofrimento. Mas não se trata de mera resignação diante da aflição, e sim de sublimar e expandir a alma profundamente arraigada no amor de Deus, que vai além do alcance do sofrimento. Ela surge à medida que nossa participação nos sofrimentos de Cristo torna-se um modo de vida.

A verdadeira alegria nunca é egoísta, pois é uma realidade social que se compartilha. É como diz Jesus nas parábolas da moeda perdida, da ovelha perdida e do filho pródigo: quando se encontra o que estava perdido, há grande alegria. O estado de alegria exala uma fragrância que transmite saúde e vida aos outros. A diferença entre alegria e felicidade é que a alegria é uma transcendência do espírito na experiência do amor de Deus, ao passo que a felicidade é uma resposta mais imanente a um ambiente de estímulo. Uma transforma a vida, a outra prossegue variável.

Entretanto, no final das contas, à semelhança das palavras *amor e paz*, a *alegria* é indefinível, uma presença que não pode ser abstraída numa idéia. O grande teólogo Karl Barth ressalta:

Nosso ponto de partida é o fato de que a vida é um movimento dentro do tempo — o movimento contínuo de ambição e busca de metas, de alvos novos ou distantes, movimento dirigido por idéias específicas, desejos, relacionamentos, obrigações e esperanças. A alegria é uma das formas pelas quais esse movimento é sustado por um instante ou por alguns instantes, não em seu lado objetivo, mas subjetivo, na consciência pela qual o homem tem experiência de si mesmo na consumação do movimento.¹

¹ *Church Dogmatics*, p. 376.

Em outras palavras, a alegria é a experiência de voltar para casa, a exemplo do filho pródigo, de cumprir o propósito de nossa criação e nova geração para a glória de Deus. Junto com os porcos, o sofrimento está em olhar para nós mesmos; na viagem de volta para casa, a alegria está em fitar o amor do Pai. Ser alegre, então, é a expressão da nossa vida realizada segundo Deus determina, vida que, em várias etapas de nossa jornada, deixamos de fruir e de ser renovados por ela. A experiência da alegria é o teste que diz se estamos caminhando na direção correta do nosso destino final. A alegria vive a expectativa do amor de Deus. Sem esperar em Deus, fechamo-nos para a alegria.

Podemos agir como Scrooge e excluir a alegria de nossa vida gélida, até que o arrependimento — o despertar para o amor — redirecione nossa jornada e a encha de calor. Podemos criar oportunidades para a alegria por meio de atitudes hospitaleiras e atos de bondade, a exemplo do que vemos retratado com tanta beleza no filme *A festa de Babete*. Conheço uma pessoa que dá pratos de porcelana a casais cristãos; é alguém que se comprometeu a incentivar a hospitalidade em cidades grandes, a levar luz para lugares escuros. O dia de descanso dos cristãos é outra grande oportunidade para celebrar a alegria do Senhor. As festas sempre fizeram parte da vida religiosa de Israel, e a alegria festiva continua a impregnar a verdadeira comunidade de cristãos. O fato é que a alegria é uma realidade socialmente divina. Deve ser compartilhada; seu lema é “alegrem-se comigo”.

A verdadeira alegria também é uma expressão de justiça. Não pode ser celebrada à custa da perda de integridade pessoal. Não pode ser vivida em detrimento da consciência. Em última instância, ela celebra nosso temor do Senhor, o que a Palavra de Deus determina para nosso bem-estar e para o bem do nosso próximo.

Nosso verdadeiro prazer reside naquilo que dá prazer a Deus. A verdadeira alegria está em imitar Cristo, pois o Pai já declarou: “Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo” (Lc 3:22). O Pai sabia que o Filho haveria de glorificá-lo em sua Paixão, e Jesus orou para que seus discípulos tivessem “o meu gozo completo em si mesmos” (Jo 17:13). É um pedido inacreditável se comparado com nossas queixas mesquinhas e com nossa recusa em viver uma vida de sacrifício. Assim, o fundamento dessa alegria está em tomarmos nossa cruz e seguirmos Jesus em seu amor.

Portanto, temos uma expectativa escatológica em relação à alegria. Aqui sobre a terra temos somente pequenas amostras da alegria eterna, e isso faz que tenhamos uma inquietude e uma insatisfação em nossa condição de meros habitantes deste mundo — temos um destino celestial. A alegria é um novo modo de ser, de auto-sacrifício, de levantar nossos olhos na direção do eterno, de olhar além das coisas deste mundo, de aceitar com alegria nossas breves aflições por amor a ele. É no cumprimento da oração de Jesus que habitamos no Pai e no Filho pelo Espírito, “para que o meu gozo esteja em vós, e o vosso gozo seja completo” (Jo 15:11). O apóstolo Pedro declara que, embora você e eu não tenhamos visto Jesus Cristo, cremos nele, e isso constitui motivo de alegria “indizível e cheia de glória” (1Pe 1:8).

VIVENDO NO FIO DA NAVALHA DAS COISAS

No entanto, ainda vivemos neste mundo, no fio da navalha das coisas. Logo depois de sua publicação em 1948, o livro *The Presence of the Kingdom*, de Jacques Ellul, ajudou-me a ver a vivacidade com a qual a presença de Deus pode entrar em todos os aspectos da cultura. Fez minha mentalidade superficial tentar fugir do “mundanismo” de meia dúzia de tabus se transformar

num desejo por um encontro de redenção com os problemas do mundo. O Senhor orou não para que o Pai nos retirasse deste mundo, mas para que nos preservasse nele. Se os cristãos não tiverem contato com o mundo, então o futuro deste será desolador. Precisamos ser sóbrios e vigilantes, sem ficar buscando “soluções”, mas vidas transformadas que podem transformar o mundo. Somente então seremos capazes de inculcar uma nova consciência da presença de Deus. Um mundo mergulhado no pecado é um mundo transtornado, cheio de incoerências e incertezas que nos passam despercebidas quando generalizamos teoricamente sobre nossa “cosmovisão cristã”. Pelo contrário, vivemos num “mundo vivo” abrangente, contingente e cheio de contradições ostensivas.

Quando o poeta Robert Browning falou do “perigoso fio da navalha das coisas”, ele estava se referindo ao medo do paradoxo, a incapacidade de ver mais que um lado de uma pessoa ou situação: “o ladrão honesto, o assassino carinhoso, o ateu supersticioso” — e, poderíamos acrescentar, “o cristão popular”. Henry Sidgwick, filósofo utilitarista, viveu na mesma época vitoriana de Browning, e havia uma piada que dizia que “ele nunca conseguiria distinguir entre o tipo de contradição que era só uma contradição e o tipo que era um veículo da mais profunda verdade”.² Ele temia os defensores de ideologias, temia que o colapso de qualquer pensamento tradicional pudesse fazer um buraco no dique e inundar o mundo com idéias novas e perigosas. É possível que muitos “ismos” tenham nascido do pavor da revolução, pois a Revolução Francesa estava fresca na memória dos que viveram na era vitoriana.

² H. R. MACKINTOSH, *Types of Modern Theology*, p. 141.

Pode-se comparar à Revolução Francesa o medo que temos do pós-modernismo, que deu passagem a uma enxurrada de ceticismo. O fato é que o pós-modernismo está associado a uma revolta contra Deus ainda mais radical que a revolta do fim do século XVIII. Então o cristão de hoje caminha sobre o fio da navalha que divide uma fé muito rígida e legalista e um ceticismo que beira o niilismo. Mesmo assim, a cultura contemporânea pode nos desafiar a demonstrarmos sob novas formas a vitalidade do evangelho.

É possível que sempre tenha sido difícil para cristãos devotos abraçar as verdades com uma tenacidade aliada à flexibilidade. Para cristãos nominais como Tennyson e Browning, era fácil³ ofuscar a distinção entre santos e heróis, olhando para o cristianismo como exemplo de heroísmo e sustentando um otimismo ingênuo em relação ao seu avanço. Hoje, para nós, qualquer crítica que se fizer à cultura será antipática. Nesse sentido, continuamos a viver sobre “o perigoso fio da navalha” quando ousamos criticar o populismo religioso de nossos dias. Pois talvez o irrealismo da religião popular de hoje na América do Norte seja maior que nos dias da Inglaterra vitoriana.

Então, sobre que nos apoiamos quando se vive no perigoso fio da navalha das coisas? Dante apoiou-se em Beatriz. Robert Browning apoiou-se em Elizabeth Barrett. Matthew Arnold apoiou-se em Marguerite, conforme se vê em *Dover Beach*, quando o melancólico desaparecimento do “mar da fé” não deixou “certezas, nem paz, nem ajuda para o sofrimento”. O poeta podia apenas responder: “Ah, amor, sejamos verdadeiros um com o outro!”. A idéia é que, se você fica em dúvida, o antídoto está em apaixo-

³ Walter E. HOUGHTON, *The Victorian Frame of Mind, 1830-1870*, p. 305-339.

nar-se. Melhor ainda, o amor de uma mulher pode conduzi-lo ao amor de Deus. Falando por mim, esta tem sido minha experiência abençoada por mais de cinquenta anos de casamento com minha querida Rita. Talvez as fronteiras entre o amor divino e o amor humano possam servir de ponte entre o ceticismo intelectual e a fé.

Hoje, diante de questões de sexo e gênero tão confusas e com a sociedade tão inclinada ao divórcio, muitos cristãos precisam viver de forma diferente no perigoso fio da navalha das coisas. Numa época em que macho e fêmea tornam-se algo homogêneo na vida das pessoas em geral, sem que haja um senso bíblico de complemento, a exigência de direitos iguais torna-se totalitária e transforma-se num monótono “cada homem/mulher por si mesmo/mesma”. Quando somos forçados a viver no fio da navalha da autodependência, acreditando somente no eu isolado e tentando viver confiantes em nossa identidade baseada no papel que desempenhamos, é fácil cair em desespero. Começamos a descobrir como o “eu” é enganoso. A exemplo da peça de Ibsen, *Peer Gynt*, hoje a pergunta que não quer calar é: “Quem sou eu? Como é meu verdadeiro eu?”. Se nossa fórmula oculta que nos diz como ser uma pessoa for exposta e perfurada como se fosse um balão, será que cairíamos em nosso próprio abismo? Vivemos tomados pelo tédio — a antítese da alegria — e aceitamos uma existência imponderada, superficial ou até mesmo sem sentido? Ou despertamos de nossos sonhos para tentar reformular nossa resposta?

Desde a grande desagregação causada pela Segunda Guerra Mundial, com os temores apocalípticos da guerra fria, muita gente vive numa montagem sem continuidade. Zapeando entre canais, perde-se o senso de continuidade do tempo, e nossa experiência

passa a ser de fragmentos destruídos e inconseqüentes que tornam arcaica a idéia de “história”. Talvez o atual renascimento literário das biografias — e há excelentes biografias sendo publicadas — reflita uma necessidade cultural de continuidade e de um ambiente coeso que não está mais visível para nós. O colapso de padrões e convenções de todos os tipos faz que interesses econômicos se tornem nosso destino natural, em vez da busca diligente de caráter moral.

Nosso passado imediato parece se tornar uma grande cisão que nos separa de nossa história pregressa. O escritor William Golding observa: “Belsen, Hiroshima e Dachau não poderiam ser frutos da imaginação. [...] Essas experiências são como buracos negros no espaço. Não há nada que possa sair de lá para nos dizer como era lá dentro. [...] Estamos diante de uma lacuna na história, de um limite na literatura”.⁴ Novos gêneros e experiências com textos parecem necessários: histórias literárias, histórias pessoais, narrativas históricas, intuições poéticas, sentidos, mitos e relatos jornalísticos — tudo para nos convencer de que a realidade não se tornou um buraco negro no espaço.

É certo que viver nessas sombras de ameaças e incertezas é viver perigosamente no fio da navalha, parecendo mais adequado ao herói que ao santo, pois relacionamos o herói com o perigo, mas o santo, com a alegre paz de espírito. Mas os cristãos que sabem que são pecadores jamais poderão ver a si mesmos como heróis! Graham Greene, autor católico, tentou fazer isso, apresentando seu fascínio com personagens que tinham defeitos mas também eram idealistas em seus escritos. É possível que ele estivesse descrevendo as lealdades divididas que se desenvolvem em nossa vida

⁴ *A Moving Target*, p. 102.

desde a infância.⁵ Hoje, nossa busca cultural de uma “liderança cristã” pode representar outra iniciativa espúria para fazer da fé cristã uma empreitada de heroísmo.

No entanto, escrever num gênero de confissão também é viver perigosamente. É um ato de equilíbrio entre o que deve permanecer oculto em minha alma em confiança a Deus e o que pode se tornar público para levar ânimo às outras pessoas. Podemos imaginar nossa vida como uma partitura musical, admirando o que Elgar escreveu no rodapé de sua composição *O sonho de Gerônimo*: “Foi isto que vi e ouvi; este sou eu!”. De semelhante modo, na composição de nossa fé precisamos confessar: “Foi isto que vivi; na verdade, é esta pessoa que agora quero ser”.

A PERSUASÃO RETÓRICA DA LITERATURA

Como você perceberá nos ensaios a seguir, descobri que a boa literatura pode expandir nossos horizontes no que toca à condição humana. Como ressaltou Werner Jaeger, a expressão artística “por si possui dois elementos básicos da influência educacional: importância universal e apelo imediato”.⁶ Tem o poder que os gregos chamavam de *psychagogia*, a expressão do sublime em luminosidade, símbolo e classe superior de um ser. De modo algum isso deve ofuscar a importância básica e singular das Escrituras. Mas com a familiaridade da autoridade bíblica podem se desenvolver uma estreiteza e uma complacência moral que precisam ser desafiadas pelas complexidades culturais da vida humana. Poesia, literatura, drama e arte podem nos ajudar a examinar essas

⁵ Randall STEVENSON, *The Last of England?*, vol. 12, p. 508.

⁶ *The Ideals of Greek Culture*, vol. 1, p. 36-37.

complexidades, assim como Jesus falou por parábolas para desafiar a complacência moral e os valores tradicionais de seu tempo.

Afirmações diretas e declarações dogmáticas podem se transformar em mero blá-blá-blá religioso que não tem o poder de nos sacudir e desafiar da maneira que precisamos. Kafka escreveu a seu amigo Oskar Plook em 1904: “Acho que devemos ler somente livros afiados e cortantes. Se o livro que estivermos lendo não nos sacudir como se levássemos um soco no esqueleto, por que haveríamos de nos preocupar em lê-lo?”. Se for só para nos fazer felizes, então poderíamos achar a felicidade mais rapidamente em outros tipos de lazer. Não, ele conclui, “um livro precisa ser como um machado para o mar congelado que está dentro de nós”.⁷

Quando nos vemos nas personagens dos livros, percebemos de forma mais abrangente as plenas conseqüências morais de nossos atos e escolhas. Elas muitas vezes se expressam em narrativas e biografias, coincidindo com nossa situação como indivíduos. Podemos sentir a necessidade de exorcizar nossos próprios demônios quando os vemos retratados nas personagens da história. Ao mesmo tempo, a fuga literária para dentro do enredo da história ajuda-nos a ver como é difícil olhar diretamente para nós; a abordagem indireta — como das parábolas — pode nos desafiar sem que nos agarremos às nossas defesas.

As narrativas ajudam-nos a refletir sobre os erros das outras pessoas e advertem-nos para que não venhamos a repeti-los. O escritor turco Orhan Pamuk escreve em *O castelo branco*: “Na vida, veículo em que se dá uma só volta, não se pode embarcar de novo quando o passeio acaba. Mas quando se tem um livro

⁷ Citado por Alberto MANGUEL, *A History of Reading*, p. 93.

nas mãos, mesmo que seja complexo ou complicado entendê-lo, quando se termina a leitura, a pessoa pode, caso queira, voltar ao início, lê-lo de novo e, assim, entender o que é difícil e, junto com isso, entender também a vida”⁸

Se Deus pôde usar um jumento para falar com Balaão, talvez ele possa usar um livro para nos ensinar a aceitar fatos que mudam a vida. Um romance de William Golding ajudou-me a mudar todo o curso do meu ministério cristão. E nunca me esquecerei da confrontação profética que vivi quando da leitura de *Os irmãos Karamazov*, de Dostoiévski. Li o livro vinte anos antes da queda do muro de Berlim e obtive a certeza de que a ideologia marxista jamais poderia resistir ao tempo. Mas ele foi escrito uma geração antes da chegada do socialismo na Rússia.

No livro, Ivan, o irmão mais velho, representa o futuro líder socialista da sociedade soviética, que acredita que o cristianismo é cruel e teórico. Contrapondo-se a ele, Zósima, o piedoso ancião, apresenta um retrato bem diferente da vida cristã, retrato tangível e real para as pessoas.

Conforme Dostoiévski escreveu ao seu editor:

Farei [os socialistas russos] admitirem que um cristão puro e ideal não é uma abstração, mas uma possibilidade real e tangível que podemos contemplar com nossos olhos, e que somente o cristianismo pode salvar a Rússia de todas as suas aflições.⁹

Essa mensagem precisa ser ouvida ainda hoje.

⁸ Citado por MANGUEL, p. 23.

⁹ Joseph FRANK e David I. GOLDSTEIN, eds., *Selected Letters of Fyodor Dostoyevsky*, p. 469-470.

